

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 17 DE NOVEMBRO DE 1923

ENTUSIASMOS QUE CEDO ESFRIAM

Estamos habituados às entradas de leão e às saídas de sendeiro dos portugueses vittimas desse clima que, por ser delicioso, amolece as energias e excita os cérebros para a concepção dos mais sedutoros projectos que raro encontram pronta realização.

Quando escutamos a retórica embaladora dos entusiasmos, sentimos sempre no nosso íntimo uma pontinha de sceptismo que nem sempre exteriorizamos para que não nos apodem de apologistas da inércia.

Ainda não se apagaram da nossa memória as palavras entusiásticas e eloquentes com que ao povo se prometiam reformas maravilhosas na estrutura da cidade. Sensíveis à beleza, ao conforto, ao progresso, aplaudimos os projectos e incitámos os únicos que poderiam realizá-los a pô-lo, quanto antes, em prática.

Se bem que nos agradassem imenso, sob o ponto de vista estético, ver a cidade melhorada, o nosso principal sim, quando aplaudimos essa anunciada época de trabalho, era incitar os poderes públicos a contribuir, por uma forma duplamente útil, para o atenuamento da crise de trabalho e melhoramento das condições de vida da população.

Mas a eloquência estancou de repente. Os jornais voltaram-se para outros assuntos. O operariado continua sem trabalho — à espera dos projectos. E das grandes obras a realizar — apenas registamos, por enquanto, a demolição do mercado de 24 de Julho.

O prolongamento da avenida Almirante Reis com o seu "terminus" no Rossio, a construção da avenida da Índia, o embelezamento do parque Eduardo VII, a desobstrução da praça dos Restauradores, assuntos tão discutidos há poucos dias,

O exodo

Criteriosas afirmações de um jornal de Buenos Aires sobre a emigração

A fuga desordenada para o estrangeiro não cessa. Todas as semanas do Tejo levantam ferro alguns barcos conduzindo centenas de emigrantes que vão na esperança de lá fora encontrar a felicidade que aqui lhes é negada.

Mas, como mais de uma vez salientámos, nessas longínquas paragens para onde se dirigem esses desgraçados a situação não é melhor, a falta de trabalho é grande, a fome é igual à de Portugal.

E a provar as nossas afirmações vem agora o Jornal Portugal, que se publica em Buenos Aires, pela pena do seu director, sr. Paulo Madeira, declarar o seguinte:

"É tempo de tanto os governos dos países de emigração como os dos países de imigração considerarem na grava responsabilidade que lhes corresponde, aqueles por deixarem sair inteiramente ao Deus darás os braços vazios das suas terras para um destino de ociosidade forçosa, e, portanto, de miséria, e a êstes por deixá-los entrar sem preocupar-se para nada do destino que lhes está reservado.

"Os braços que aqui há sobram para as necessidades imediatas, sendo por isso um erro censurável permitir que continuem esta grande corrente emigratória, que serve apenas para despréstigo destes países e para enriquecer as empresas de navegação transatlântica, porque sucede que logo depois daqui chegar, uma boa parte dos emigrantes — os que trazem dinheiro que lhe alcance para a passagem — regressam desiludidos às suas terras, levando de cá a mais desolação das impressões.

"Muitos, a maioria, ficam, uns porque não têm dinheiro suficiente para o regresso, outros porque algum parente ou amigo lhes dá abrigo, são êstes os que por ai vemos deambular pelas ruas à caça dum ocupação cada vez mais rara..."

Ocupando-se particularmente dos emigrantes portugueses, visto que para a América vai também espanhóis e italianos, o sr. Paulo Madeira tem a seguinte afirmação:

"É para a nossa África, principalmente para as províncias de Angola e Moçambique, que tão cobiçadas pelos estrangeiros, que nós queremos que se voltem os olhos de todos os portugueses, dirigentes e dirigidos, quando considerem a necessidade de colocar os sobrantes da nossa população trabalhadora, porque assim faremos patria combatendo o perigo da cobiça estranha e salvaremos os nossos emigrantes, da perigosa rateiraria que está sendo a América.

Todos lá têm lugar.

"Para lá podem e devem ir todos, cumprindo aos nossos dirigentes orientar e proteger a nossa emigração nesse sentido."

E resume, por fim:

"É necessário e urgente impedir a nossa emigração às Américas, porque o emigrante aqui não tem nada que fazer, se não traz dinheiro para adquirir terras e cultivá-las de conta própria.

Assim, pois, será para as autoridades portuguesas um dever de humanidade orientar para África a nossa emigração, protegendo-a e auxiliando-a devidamente."

Será necessário maior demonstração para provar que lá fora a situação não é melhor do que aqui? Crêmos que não!

cafram no silêncio, como num poço.

Mas valia talvez, se não houvesse ânimo para lançar mãos à obra, não falar tanto em projectos. Entretanto, a nossa esperança ainda não desapareceu por completo. O Município está ligado por compromissos públicos às suas afirmações. Se não os cumprir — que ficará pensando a seu respeito uma população inteira?

A Batalha — órgão do operariado — é o jornal mais popular de Lisboa. É o que defende com mais carinho e tenacidade o bem-estar colectivo. Compete-lhe por isso estar alerta e, no interesse, quer no da população de Lisboa, não largar êstes assuntos de mão, senão quando de todo se convencer de que a sua acção é estéril.

Além dessas obras a que fizemos referência, outro problema há que de dia para dia requirenha pronta solução: é o dos pavimentos. O trânsito de veículos intensificou-se de tal maneira nestes últimos tempos que, se em breve não se dotar a cidade de pavimentos sólidos, modernos e decentes, em breve as ruas se transformarão em vielas intransitáveis. A comissão administrativa da Câmara prometeu remodelá-los todos. Porque não se começam com intensidade êsses trabalhos que são os mais urgentes?

A melhor resposta que o Município nos poderia dar seria realizar os, com o que se regosaria uma população inteira.

Há também um projecto — o da construção de mil casas — que, realizado, muito contribuiria para a resolução do problema da habitação. Edificam-se ou não essas casas?

Obras, obras é que todos nós desejamos ver — e quanto antes.

Notas & Comentários

As tabelas

Em Campolide, segundo os protestos de alguns moradores, os comerciantes possuem a psicologia de banditos das Catacas. O azeite, que pela tabela deveria ser vendido a 7500 o litro, só se consegue a 11.000. Em algumas casas, por condescendência, vendem-se em pequenas frações de dois decilitros e meio ao preço da tabela. Nas outras o preço é de 11.000, para quem quiser, já se vê.

Por esta pequena amostra se prova que as tabelas não se fizeram para serem respeitadas pelos comerciantes, mas antes para ludibriarem o público. Ou a lógica dos merceeiros não fosse um chavão retorcido.

A surpresa de Shaw

O prêmio Nobel de literatura, do ano de 1926, foi pela Academia sueca conferido ao desassombrado escritor socialista Bernard Shaw, que, diante do facto, teve o seguinte comentário:

— A decisão torna-se para mim um grande mistério. Sem dúvida, o prêmio foi-me atribuído, justamente, por nada haver escrito durante este ano.

Os fósforos

A Sociedade Nacional de Fósforos foi autorizada a vigarizar o público com umas caixinhas de quarenta fósforosinhos de cera, pelas quais exige a "módica" quantia de 40 centavos. Não é caro. Um anel de brilhantes atinge preços muito mais elevados...

Bons rendimentos

O Tribunal dos Pequenos Delitos rendeu durante um mês mais de vinte contos. E que foi mais além porque muitos dos condenados, à falta de dinheiro para a multa, pagaram com os costados na cadeia. Segundo consta muitos negociantes de viveres a retalho, que estão ganhando um dinheirinho com o aumento do preço dos gêneros, não pedir autorização para montar tribunais desse gênero por todo o país.

Uma «grande penalidade»

Segundo os jornais de ontem um guarda-cívico — 2144 — António Rodrigues Inácio, da esquadra dos Anjos, que tem o culto do futebol, misturou-se anteontem com uns rapazes na quinta da Assunção, à estrada de Sacavém, e jogou como um «aze». A certa altura do jogo, parece que no half-time, zangou-se e rapou da pistola — e foi tiro a tiro e a direito. O polícia, distinto «sportman», foi parar ao governo civil, onde segundo dizem — lhe querem aplicar uma grande penalidade».

A água do Andaluz

Reuniu a comissão de defesa e melhoramentos da água do Andaluz resolvendo pedir à Câmara Municipal a conclusão da galeria subterrânea que deve dar ingresso ao pôco da nascente, de modo que seja aproveitada toda a água e possa, em qualquer ocasião, o município mandar fazer as reparações necessárias na canalização.

Tomou conhecimento dum pedido do pessoal que ali tem trabalhado.

A comissão previne o público que das 8 às 18 horas não se deve utilizar desta água enquanto ali durarem as obras que se estão fazendo para a abertura da galeria subterrânea.

Será necessário maior demonstração para provar que lá fora a situação não é melhor do que aqui? Crêmos que não!

EM QUE FICAMOS?

Pergunta-se novamente à Câmara Municipal como vai ser abastecida de água a cidade

O problema do abastecimento de água à cidade concita neste momento os olhares de todos os interessados que são os 600 mil habitantes da cidade. A Câmara Municipal em nota fornecida à imprensa declarou que ia remir o contrato com a Companhia das Águas, demonstrando, com larga argumentação, que este odioso monopólio não cumpriu a letra do tratado.

O público, farto de ser preterido pelo ministro director-delegado da referida companhia Carlos Pereira, respirou um pouco de alívio e, no interesse, quer no da população de Lisboa, não largar êstes assuntos de mão, senão quando de todo se convencer de que a sua acção é estéril.

Mas o caso, pelo visto, ainda está longe de uma solução agradável para o público. A Câmara, por razões que ignoramos e que não deixam de irritar a população não mais falou do caso. De forma que todos ficámos ignorando se será Carlos Pereira o eterno ditador das águas ou se a sua dinastia chegar ao derradeiro dia.

Em compensação Carlos Pereira, sem rebuçado, veiu à imprensa proclamar a miséria da Companhia das Águas, dizer que não era verdade o que os vereadores afirmaram em público. A já estafada ária foi pela décima milionésima vez traída. E' dizer: Carlos Pereira reeditou há dias, num jornal da tarde, o que há cinco anos não foi capaz de fundamentar face ao notável estudo feito pela União dos Sindicatos Operários de Lisboa.

O dildor das águas, falso de argumentação porque está colocado num terreno falso, recorreu aos mesmos processos de mentira que lhe notámos há alguns anos.

Em presença desse novo manejo do director-delegado da Companhia o que faz Câmara Municipal? Sim. Hemos de convir que essa triste figura está organizando a sua ofensiva para esmagar a Câmara como tem esmagado todos os governos, mesmo os mais escarlates. O silêncio é bastante comprometedor.

Vamos. O assunto não se compadece com evasivas. Ele tem que ser esclarecido e quanto antes.

A água continua a faltar. O povo deve que restringir os seus gastos para equilibrar o consumo.

A Câmara tem que falar. Tem que dizer-nos se faz a remissão do contrato e em que condições vai ser abastecida de água a cidade. Se não o fizer rapidamente dás-nos o direito de suspeitar de que graves coisas se passam.

Equiparação de vencimentos

O escrivão e os oficiais de diligências do Juiz das Transgressões e Execuções do Pórtico representaram ao ministro da Justiça, pedindo a equiparação dos seus vencimentos, subsídios de expediente, etc., aos seus colegas dos juízes criminais de Lisboa e Pórtico. Na representação pedem também que seja criado outro juízo de transgressões e execuções na comarca do Pórtico ou mais um lugar de ajudante do escrivão que existente e que aos actuais ajudantes dos juízes das Transgressões seja dado maior vencimento do que o atribuído aos ajudantes dos escrivões dos juízes criminais.

Tenho lido, por prazer espiritual, vários tratados de sociologia, antigos e modernos, jávamos vi algum sociólogo atirar-se aos penhoristas como Santiago dos mouros, e dizer: «o penhorista viola o penneiros».

Estará A Batalha sinceramente convencida de que a extinção desse comércio — melhore! — destes comerciantes, pois que este ramo de actividade durará enquanto existir o homem, é condição sine qua non da sua felicidade, da ventura humana, do paraiso social, sonhado por Platão?

Pensar o seu jornal que os clientes dessas casas são exclusivamente os operários?

Que violências, que attitudes hostis merecem a Batalha? os argüentários que emprestam dinheiro a 30 e 40% ao ano, sobre hipoteca, e esse comércio que tem de lucro 100%? Isto sim, que é escandaloso!

São realmente pesados os juros das casas de penhores? São. Mas o que é certo é que esse juro não ultrapassa os limites do que normalmente levam os credores hipotecários. E quere V. saber o motivo?

Ao passo que aqueles credores se evadem facilmente ao imposto, exarando nas escrituras um juro muito inferior àquele que realmente levam por fora, os credores pignoráticos, a que, em linguagem vulgar, se dá o nome de penhoristas, não só declararam nas suas facturas o juro real das suas operações, como têm a sua escrita comercial regularmente montada e periodicamente fiscalizada, e o Estado lhes absorve quase todos os seus rendimentos em contribuições fiscais.

A Batalha seguiria certamente um caminho mais justo obtendo uma diminuição desses impostos, e, em consequência do que evitar-se-ia a fatal difusão do imposto, que é, como V. sabe, uma lei irrefragável.

De resto, sua campanha está favorecendo apenas a monopolização dos penhoristas pela Caixa Geral dos Depósitos, inspiradora do decreto que V. tão calorosamente tem aplaudido.

Sendo V. um sindicalista convicto, e interessando-se tanto, vivamente pela situação moral e material das classes trabalhadoras, pregunto: que destino a dar ao imenso peso que estas casas ganha o pão da sua família, se elas forem tão abruptamente aniquiladas pelas draconianas disposições do decreto recentemente publicado?

Em que conta tem o seu jornal os direitos adquiridos?

Já fez V. o exame minucioso das disposições legais, com que o Governo pretende atingir-nos?

Oiga, meu caro jornalista: estas casas existem porque existe a necessidade; e a reciprocidade não é verdadeira, a não ser que se esteja de muito má-fé.

Mas, quantos serviços, quantos favores, quantas lágrimas, estes vampiros dos pres-

As razões dos prestamistas que se querem defender e as razões de 'A Batalha' em favor do povo explorado

Os artigos nestas colunas publicados sobre as casas de penhores e o recente decreto que o governo publicou reduzindo-lhes os exagerados lucros para 18 por cento ao ano, provocaram alguns protestos de penhoristas, vendo neles os causadores da sua miséria, quando, é certo que esses causadores estão mais alto, mais longe, e acima de nós e atraídos por nós, também suas vítimas, e se riem despreocupadamente, lançando-nos às feras, e afirmando-nos com todo o odioso.

V. é um artista profundo, um espírito muito festejado, e poderia divulgar sobre o caso, pondo o Estado a tirar eastanhas do lume com a mão a gato.

Porque o não faz?

Fico-lhe muito obrigado pela atenção que me dispensou, terminando por pedir-lhe a publicação desta carta e o seu comentário desassombado e leal, reservando-me o direito de trépica, pois seria um grande prazer para mim vir a ser da propriedade da classe trabalhadora provar-lhe com números e com razões a injustiça dos ataques que nos são feitos.

Sei mais se subscreve, de v. etc. — O presidente da Associação dos Prestamistas, José Pereira dos Santos Junior.

Os artigos de A Batalha acerca da questão dos empréstimos sobre penhores são absolutamente justos.

Inspiram-se na miséria social que por aí campeia e que todos exploraram, desde o mercêeiro ao senhorio, do negociante de calçado ao farmacêutico. Os penhoristas vivem, como todo o comércio, da miséria popular engendrada por uma sociedade iniqua, de base capitalista, essencialmente individualista.

Ao combater os prestamistas A Batalha não o faz por ódio especial a essa classe capitalista, mas por princípio — visto que luta contra toda e qualquer espécie de exploração.

Se a sociedade não estivesse organizada nestes moldes infelizes a que nos referimos e se tivesse presidida por uma moral diferente, onde o bem comum estivesse acima do bem individual, não existiriam prestamistas — porque o meio ambiente não os criaria, como não geraria mercêeiros, nem senhorios, nem argüentários a emprestar a 30 e 40%.

Agradecemos os elogios dirigidos à sensibilidade do

TEMAS DE ACTUALIDADE

Análise social do fascismo

A reação fascista foi de origem extra-governamental, mas consentida e acarinhada pelas autoridades. Assim, a incubaram, subvencionaram e animaram os grandes industriais e os financeiros.

A frente estiveram todos os renegados das fileiras subversivas que se fizeram interventionistas durante a guerra e serviram os senhores com a samba característica dos renegados.

Finalmente, ganhou o poder, nele se mantendo até à actualidade, por entre devastações inúmeras, crimes horribles, muito sangue, muita dor, imenso luto.

Sobre o ensanguentado solo de Itália renouou-se a orgia de sangue da Roma antiga e a tragédia medieval das tiranias. O povo católico abençoou, aclamando o ditador. Mas o facho da Liberdade não extinguiu a sua chama e a chama jamais se extinguirá. Dentro e fora da Itália, no deserto e no cárccere, no coração e na inteligência dos revolucionários, a chama resplandece, ilumina o verbo da rebeldia, impulsiona vingadores como Gino Lucetti, guia aqueles que o fascismo cegou brutalmente, como Angelo Capella, cuja fé idealista se orienta, através da treva física e da treva tirânica, para a luminosidade da vida livre.

O fascismo não é, únicamente, consequência da guerra, mas uma sua resultante e uma resultante da revolução frustrada. O fascismo suplanta em vandalismo a reacção dos restantes países beligerantes; dele se ressuna, sob o ambiente reaccionário que se sucede geralmente ao desaparecimento dos receios que os prenunciavam revolucionários tinham causado. Sabe-se que não há sara mais feroz do que a dos timidos que se sentem fortes. A sua reação está sempre proporcionada ao temor sofrido.

O ambiente da guerra e a contra-revolução preventiva, em face da desistência subversiva, dera esse resultado, essa soma de barbaria que se chama fascismo. Mas o fascismo, se bem se看得, é um fenômeno regional de particulares características, estendeu-se sob vários aspectos a todo o mundo desde a Iberia ao Extremo Oriente, desde as Américas aos Balcãs.

A reação identifica-se sempre, qualquer que seja o partido que sirva ou a cor que a cubra. Os interesses são iguais. Tanto assim que o embaixador soviético em Roma foi dos primeiros a felicitarem Mussolini porque se escapara ao atentado de Lucetti.

Também a sorte dos tiranos é sempre igual. A Cesar o que é de Cesar. Um orador irlandês, ao ser interrompido com essa expressão, retrucou: — O único que deu a Cesar o que era de Cesar foi Brutus: uma punhalada no coração.

O fascismo pode vangloriar-se de ter subjugado e manietado o povo italiano. A liberdade foi decapitada como essa estátua de Pedro Iº, cuja cabeça de marmore branco os fascistas passaram em troféu.

E a estátua decapitada tornou-se simbólica, como essa estátua da Vitoria de Samotracia que, sem cabeça, não deixou de encantar todo o seu gesto, o alento na luta, a fervorosa confiança no triunfo.

Canibalismo impune

Noticiámos, há tempos, a cobarde agressão de que foi vítima Deolinda Rodrigues, das Aguas Livres, por parte do soldado 176 da 6.ª companhia da G. N. R., aquartelada em Campolide, e outro colega seu. Essa agressão, inteiramente injustificada, como então referimos, foi tão várbara que a agredida ficou para sempre arruinada. Tão arruinada que em consequência da agressão faleceram no dia 6 do transacto mês de outubro.

Tinha sido apresentada superiormente queixa na G. N. R. O companheiro do desditoso Deolinda foi entretanto informado de fonte directa que o processo que se tinha levantado contra o soldado 176 fora arquivado por falta de provas. Veio aqui manifestar-nos o seu protesto contra a impunidade com que se favorece um criminoso — indignação de que nós partilhamos inteiramente, por razões que são idênticas a todas as pessoas de coração.

História Universal del Proletariado

«Vinte séculos de opresión capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das suas origens, pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros avores da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1800 pagas cada, registado, 1850.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.º — La era de la esclavitud;
- 2.º — La rebelión de Espárraco;
- 3.º — Abolicion de la esclavitud;
- 4.º — Abyección y Servidumbre;
- 5.º — La revolución de los siervos;
- 6.º — La miseria de los agricultores;
- 7.º — Transformación del Poder Feudal;
- 8.º — El comunismo cristiano;
- 9.º — Los miserables en la Edad Media;
- 10.º — La libertad hispana;
- 11.º — La hoguera del absolutismo;
- 12.º — El trabajo motor universal;
- 13.º — El imperio de la guerrillota;
- 14.º — Las ideas sociales y la revolución francesa;
- 15.º — Los primeros tiempos del salario;
- 16.º — Hospitales, cárceles y asilos;
- 17.º — Las crudidades de la burguesía republicana;
- 18.º — Los héroes de la Comuna;
- 19.º — Horribles matanzas de Comunistas;
- 20.º — La República Española y la clase obrera;
- 21.º — La Primera Internacional;
- 22.º — El socialismo ante el Parlamento español;
- 23.º — El futuro obrerista profetizado por Castelar;
- 24.º — P. y Morgall confunde a los enemigos del socialismo;
- 25.º — Los precursores del proletariado moderno;
- 26.º — Crueldades burguesas.
- 27.º — Los mártires de Chicago.
- 28.º — Muerte heroica de cinco proletarios.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático Solidariedade Proletária. — Previnem-se todos os organismos a quem foram enviados bilhetes para a festa que este grupo realizou no dia 14 de corrente, em benefício dos presos por questões sociais, que enviam as suas importâncias, com urgência, para se elaborar o balanço, para Júlio de Carvalho, rua Barão de Sabrosa, 81, 1º.

Sindicato dos Compositores Tipográficos

Retinem amanhã, quinta-feira, 17, pelas 18 horas prefixas, os delegados que tomarão parte no Congresso Extraordinário dos Sindicatos Operários de Lisboa, para tratar de assuntos que se prendem com o mesmo.

Quem perdeu?

Pelo sr. José Catarola, residente no Convento de Telheiras, foi encontrado num taxi um pequeno estojo contendo vários apetrechos para injecções e uma caixa de ampolas. A quem provar pertencer-lhe será entregue este achado na morada acima indicada.

ASSINEM Os mistérios do Povo

TEATRO NACIONAL	HOJE
BERTA BIVAR — ALVES DA CUNHA	Telef. N. 3049

COMPANHIA	
BERTA BIVAR — ALVES DA CUNHA	
A 21 horas: representação do sensacional drama em 4 actos	

O PARALÍTICO	
peca que todos devem ir ver para apreciar o notável trabalho do ilustre actor	

ALVES DA CUNHA	
O mais artístico espectáculo da actualidade	

BREVEMENTE — A trag-comédia:	
O homem e os seus fantasmag	

Várias notas da Lisboa triste

Agressão misteriosa

No Banco do hospital de São José, foi pensado e seguiu para casa, José Mário Pires, de 20 anos, natural de Sernache do Bomjardim, residente na Avenida 5 de Outubro, e que foi agredido por um desconhecido no Alto do Pino, ficando ferido na cabeça.

Queda de uma carroça

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e foi para casa, Joaquim Alves dos Santos, de 36 anos, natural da Régua, empregado no comércio, residente no bairro do Rezende, 1, que caiu de uma carroça na rua da Madalena, ficando contuso no torax e ferido no braço direito.

Incêndio no hospital de São José

Ontem de manhã, manifestou-se incêndio numa das estufas da Lavanciana do hospital de São José, tendo ardido uma porção grande de roupa branca. Compareceram o pessoal e material do C. M. S. P. L., de que o fogo só extinto com o auxílio de uma agulha do serviço de incêndio privativa daquele hospital.

Colhido por um ferro

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, foi pensado e seguiu depois para casa, Adelino Braz, de 48 anos, natural de Torres Vedras, padeiro, morador na rua do Bocage, 8, 1º, que, na travessa do Conde da Ponte, foi colhido por um ferro ficando ferido no pé esquerdo.

Duas autópsias

Da Casa Mortuária do hospital de São José, foram removidos para o Instituto de Medicina Legal, a-lí deles ser feita hoje feita autópsia, os cadáveres de Manuel Moreira, aquele vendedor de carneiro, residente na Amadora, que, como noticiámos, foi, no dia 14 último, vítima de um choque de automóvel com a carroça de que era condutor, próximo de Queluz, e de António Pereira, aquele chauffeur que foi vítima de choque da «side-car» em que seguia com uma carroça, na Avenida Oscar Monteiro Tómes, no dia 13 último.

Dols pequenos incidentes

No Banco do hospital de São José, foram pensados e seguiram para casa, Mário Dias Alonso, de 14 anos, estudante, morador na rua de Arroios, 174, 1º, d.º, que, numa escola na rua Alvaro Coutinho, 14 e 16, deu uma queda, fracturando a clavicula direita, e um menor de 12 anos, de nome Américo, residente na rua de Campolide e que caiu na mesma rua, ficando ferido na cabeça.

Os vencidos da vida

Na enfermaria n.º 2 do hospital Estefânia, deu entrada Herminia Lopes, de 22 anos, servicial, residente na avenida Conde Valbom, 102, r/c, que ali tentou suicidar-se.

TEATRO AVENIDA

Teatr. N. 4358

O teatro mais popular de Lisboa

HOJE, às 21,30 horas

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Espectáculo sem rival em lisboa e o único

teatro que explora com éxito e negro,

o gênero do comédia musical

O monumental «vaudeville»

O Pão de Ló

SEXTA-FEIRA:

O DR. DA MULA RUÇA

AGREMIAÇÕES VÁRIAS

ASSOCIAÇÃO DE SOCIOS MÁTUOS na Inabilidade. — Realizou-se a assembleia geral desta colectividade, tendo sido discutido o projecto de alteração aos estatutos, ficando suspenso a referida assembleia para continuação, pelas 21 horas.

Sociedade A Voz do Operário — Reúne hoje a assembleia geral desta colectividade, sendo a ordem dos trabalhos aclarar uma parte do regulamento interno, quanto à organização do conselho disciplinar, e apresentação e discussão do projecto para a constituição da caixa de pensões do pessoal privativo.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático Solidariedade Proletária. — Previnem-se todos os organismos a quem foram enviados bilhetes para a festa que este grupo realizou no dia 14 de corrente, em benefício dos presos por questões sociais, que enviam as suas importâncias, com urgência, para se elaborar o balanço, para Júlio de Carvalho, rua Barão de Sabrosa, 81, 1º.

Cada fascículo de 48 páginas, 1800 pagas cada, registado, 1850.

Estão publicados os seguintes fascículos:

- 1.º — La era de la esclavitud;
- 2.º — La rebelión de Espárraco;
- 3.º — Abolicion de la esclavitud;
- 4.º — Abyección y Servidumbre;
- 5.º — La revolución de los siervos;
- 6.º — La miseria de los agricultores;
- 7.º — Transformación del Poder Feudal;
- 8.º — El comunismo cristiano;
- 9.º — Los miserables en la Edad Media;
- 10.º — La libertad hispana;
- 11.º — La hoguera del absolutismo;
- 12.º — El trabajo motor universal;
- 13.º — El imperio de la guerrillota;
- 14.º — Las ideas sociales y la revolución francesa;
- 15.º — Los primeros tiempos del salario;
- 16.º — Hospitales, cárceles y asilos;
- 17.º — Las crudidades de la burguesía republicana;
- 18.º — Los héroes de la Comuna;
- 19.º — Horribles matanzas de Comunistas;
- 20.º — La República Española y la classe obrera;
- 21.º — La Primera Internacional;
- 22.º — El socialismo ante el Parlamento español;
- 23.º — El futuro obrerista profetizado por Castelar;
- 24.º — P. y Morgall confunde a los enemigos del socialismo;
- 25.º — Los precursores del proletariado moderno;
- 26.º — Crueldades burguesas.
- 27.º — Los mártires de Chicago.
- 28.º — Muerte heroica de cinco proletarios.

Quem perdeu?

Pelo sr. José Catarola, residente no Convento de Telheiras, foi encontrado num taxi um pequeno estojo contendo vários apetrechos para injecções e uma caixa de ampolas. A quem provar pertencer-lhe será entregue este achado na morada acima indicada.

ASSINEM Os mistérios do Povo

A BATALHA na província e arredores

Foz do Douro

Melhoramentos locais

FOZ DO DOURO, 14.—A fisionomia dessa terra é hoje, em parte, muito diferente da de há dois ou três anos. Isto no que se refere à pavimentação das ruas e avenidas que têm sofrido importantes transformações, sobretudo para os lados de Gondomar. O asfalto, conquanto já esteja determinado em algumas partes, talvez por fraude, substitui com muita vantagem os antigos pavimentos, evitando não só as poeiras terríveis de verão, como também a lama, que nesta época dificulta grandemente o trânsito.

Bom é, porém, que quem superintende nestes serviços não esqueça o estado precário das ruas dos lados de Montebelo e Cantarcira — como alguns moradores já nos fizeram notar. A transformação do solo naqueles sítios impõe-se, tanto cu mais do que se impunha aquele que já está renovado, pois se encontra num estado vergonhoso, tornando difícil o movimento das que lo moram.

Que não olvidem isto — voltamos a dizer — os que têm obrigação de velar pelo aperfeiçoamento da terra, não dancem, assim, motivo a que se diga que num lado há filhos e moutro enteado.

Cuidado com a infância!

Continuar a ensinar às crianças que as trovadas, os raios e todos os fenômenos meteorológicos são obra e graça de Deus, como em tempos era norma, é simplesmente criminoso.

Os efeitos deste ensino é grandemente prejudicial para os seres humanos, e, consequentemente, para a marcha ascensional da humanidade. Não há, pois, afirmação gratuita.

Este documento foi aprovado por unanimidade. Não há, pois, afirmação gratuita.

Quem culpa tenho eu que Vilas Boas, por lhe ter falecido uma pessoa da família, não tivesse assistido a essa reunião?

Eclarecendo este ponto, vamos ao restaurante. Diz Vilas Boas que a circular das Federações não foi apresentada nem discutida — pela comissão executiva, pela circunstância de ter sido sonegada por Mario Castellano e Rijo. Mas que circular, prego eu? Fez-se por acaso alguma circular para a reunião das Federações? Desconheço.

Porque não nos fizemos representar nessa reunião? Isso sabe Vilas Boas bem como eu, porque tendo a comissão reunido em 30 de Julho p. p., e tendo sido ventilado este assunto, foi o próprio Vilas Boas que, atendendo a faltarem dois elementos da referida comissão e por que entre os delegados ao Conselho Confederativo, os que foram nomeados para a reunião das Federações e ao Conselho Federal, não se encontravam os que representavam os sindicatos de minas e de indústria, resolveu-se convocar o conselho para o dia 15 de Agosto, não se realizando esta reunião por motivo dos delegados do Minho e Douro, não poderem comparecer.

Que circular sonegamos nós, então, se ela nunca existiu?

MARCO POSTAL

Mass. U. S. A. — Club de Estudos Sociais. — Recebemos carta e cheque de 102\$000, ficando pago a assinatura até final do corrente ano.

Figueira da Foz. — J. Alves de Freitas. — Recebemos carta e 20\$000. As considerações a respeito do correio, vamos provisoriamente.

Leixões — Libertas. — A pessoa de que fala é outro amigo.

CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheques	94\$75	
Madrid, cheque	2597	
Paris, cheques	566	
Suiça	378	
Bruxelas, cheque	274	
New-York	19860	
Amsterdão	784	
Itália, cheque	581	
Brasil	2500	
Praga	558.5	
Suecia, cheque	5524	
Austria, cheque	277	
Berlim	4567	

TEATROS

Nacional. — A's 21-15. — O Parálico. Averida. — A's 21. — O Pão de Ló. Politeama. — A's 21. — O Centenário. Ginásio. — A's 21. — Sonho de uma noite de Agosto. Apollo. — A's 20,30 e 22,30. — A Princesa Manequim. Eden. — A's 20,45 e 22,45. — Cabaz de Morangos. Variedades. — A's 20,30 e 22,45. — Aricoté. Maria Vitória. — A's 20,30 e 22,30. — Pistóira. Coliseu. — A's 21. — Companhia de circo. Salão Foz. — A's 15 e às 20,30. — Variedades. Avenida Parque. — Diversões.

CINEMAS

Tivoli. — Avenida da Liberdade. — Olympia. — Matinées e soirées. — Salão Central. — Praça dos Restaurantes. Chiado Terrasse. — Rua António Maria Cardoso. — Cinema Condes. — Avenida da Liberdade. — Pathé Cinema. — Rua Francisco Sanches. — Salão Ideal. — Rua do Loreto. — Eden-Cinema. — Rua do Alívio (Alcântara). — Cine Paris. — Rua Ferreira Borges. — Alhambra. — Parque Mayer. (Variedades). — Salão Lisboa. — Mouraria. — Cine-Esperança. — (Rua da Esperança). — Domingos, terças, quintas e sábados, às 20,30, animatógrafo. — Salão da Promotora. — A's 20 horas.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 93

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões. — Dr. Armando Narciso. — A's 5 horas. Cirurgia, operações. — Dr. Bernardo Vilar. — Irmãos Kiss. — Nas cirurgias. — Dr. Miguel Magalhães. — 10 horas. Pele e sifilis. — Dr. Correia Figueiredo. — II e III. — 5 horas. Doenças nervosas, electroterapia. — Dr. R. Loff. — 9 horas. Doenças dos olhos. — Dr. Mário de Matos. — 2 horas. Gurgante, nariz e orelhas. — Dr. Mário Oliveira. — 12 horas. Estomago e intestinos. — Dr. Mendes Belo. — 3 horas. Doenças das senhoras. — Dr. Emílio Paiva. — 2 horas. Doenças das crianças. — Dr. Filipe Manao. — 12 horas. Tratamento de diabetes. — Dr. Ernesto Roma. — 5 horas. Bucal dentes. — Dr. Armando Lima. — 10 horas. Caixa e rádio. — Dr. Cabral de Melo. — 4 horas. Keio X. — Dr. Aleu Salazar. — 4 horas. Análises. — Dr. Gabriela Beato. — 4 horas.

A venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo. — \$50. Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loifor. — \$50. O que é ser socialista? por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha. — \$50. Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva. — \$50. Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar. — \$100. A Humanidade, por Taraf Javol. — \$150. O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin. — \$200. Monarquia Jesuíta, por Melchior Zuchrofer. — \$200. Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série. — \$250. O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva. — \$250. Os Crimes da Saeristia, por Alexandre Barbosa. — \$300. A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia. — \$350. A Filologia perante a História, por Nobre França. — \$500.

Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Prémios maiores .. | 4.000.000\$00

| 1.200.000\$00

Bilhetes a 1.000\$00 e quadragésimos a 25\$00, cautelas a 6\$00. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a

Campião & C.º
116, RUA DO AMPARO, 116
LISBOA

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

PELARIA CONFIANÇA

6 — Rua da Palma — 3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de maluinhos para senhora, vindos direitamente das melhores fábricas estrangeiras.

Barreiros & Jesus

TELEF. II. 3691

O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5%.

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de ofícios

Galvanoplastia. — 18\$00
Motores de explosão. — 20\$00
Navegante. — 16\$00
Cimento armado. — 23\$00

Construção Civil

Acabamentos das construções. — 16\$00
Avenaria e Cantaria. — 13\$00
Encanamentos e saturabilidade das habitações. — 13\$00
Materiais de construção. — 20\$00
Terraplenagens e alicerces. — 13\$00
Trabalhos de Carpintaria. — 16\$00

Diversas indústrias

Cendador de Máquinas. — 16\$00
Foguero. — 16\$00
Formador e estucador. — 12\$00
Fundidor. — 13\$00
Pilotagem. — 16\$00
Industrialmentar. — 12\$00
Indústria do vidro. — 12\$00

Mecânica

Termômetro e Frazzer mecanicos. — 15\$00
Desenho de máquinas. — 25\$00
Material agrícola. — 13\$00
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor. — 13\$00
Problemas de máquinas. — 16\$00

Elementos gerais

Álgebra elementar. — 13\$00
Aritmética prática. — 15\$00
Desenho linear geométrico. — 12\$00
Elementos de electricidade. — 10\$00
Elementos de física. — 12\$00
Elementos de Mecânica. — 12\$00
Elementos de Modelação. — 16\$00
Elementos de Projeções. — 12\$00
Elementos de Química. — 12\$00
Geometria plana e no espaço. — 13\$00
Fabricante de tecidos. — 13\$00

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%!

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora. — 33\$00
Sapatos em verniz. — 33\$00
Botas pretas (grande salto). — 40\$00
Etoles brancos (salto). — 38\$00
Grandes salto de batatas. — 38\$00
Lentes de cor para noite. — 40\$00

Não se juntar à SOCIAL OPERARIA coa tua casa. Ver D. — possa só a esquerda da sua casa. — A Social Operária é a única que tem Filial na mesma ruas. — 18\$00, com Filial na mesma ruas, n.º 45.

"A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se

Livro de "A BATALHA" No Balcão da L. Presse.

Na Rua do Balcão vende-se</

A BATALHA

Quando se materializam os projectos que em proveito da cidade tão anunciamos foram.

Varrendo a testada

O caso de Ateneu de Educação Popular de S. Paulo

Publicámos uma correspondência de São Paulo (Gouveia) acerca de atitudes antipáticas assumidas por dirigentes do Ateneu de Educação Popular daquela localidade. Escreve-nos agora Artur Gaspar Cabral Júnior a seguinte carta que passamos a reproduzir:

Camarada redactor: A local publicada na Batalha de 4 do corrente sobre este título, não vem assinada, mas tresandas a beatismo. Ou talvez seja autoria daqueles membros que ultimamente foram expulsos da Direcção do Ateneu, pelo seu bom comportamento entre os pioneiros da Causa que traíram.

O Ateneu de Educação Popular foi mandado construir pelos nossos patriotas que em terras da América procuraram o pão que aqui lhe negavam. Com este acto quisermos não só demonstrar o seu amor por todos os sampaenses que verão no Ateneu o seu único lar, mas também vincar o seu ódio às oligarquias financeiras e religiosas, se não quisermos dar a todas o nome de racacionárias.

A casa que hoje é sede do Ateneu não foi construída há muito e no entanto esta associação já tem anos. Nas diversas modalidades por que tem passado o Ateneu, sempre tem encontrado a seu lado almas cheias de ideal, a quem os conterrâneos residentes na América do Norte confiaram o espírito encargo (pondos os fundos à sua disposição) de dar a este Povo um pouco de compreensão dos seus Direitos e Deveres Sociais.

Resolvida que foi a construção da sede actual e depois dela realizada, verificou-se que a cota de 50 centavos mensais que pagam os sócios, não cobria os encargos do Ateneu, como sejam: a luz eléctrica, que os «beneméritos» nos fazem pagar, quando elas não pagam à Natureza que lhes fornece a energia hidráulica; a compra de livros, material escolar, etc. que não podia ser provida pelos estudiosos que mal ganham para enganar a boca; a assim muitas ninharias, que quem já esteve à testa de casas desse género deve compreender. Para acorrer a tantas despesas, fundou-se o Grupo Dramático A. E. P. que deu algumas récitas numa sala da sede do Ateneu, com geral agrado e a casa sempre cheia.

No peito dos lutadores da nobre causa houve, ao ver isto, um amplexo de alegria, pois se o povo gostava de ver o que é belo, compreenderia também as verdades que os seus lábios estavam prontas a estalar.

Esta concordância aos espetáculos foi vista pelos habituais exploradores deste povo sob outro aspecto. Eles, que temiam-se meter em negócios de teatro, viram quanto eram falsos os seus receios, e vê de construir um teatro. Dispunham os exploradores de grandes capitais arrancados dia a dia ao miserável povo e não admira que a do Ateneu, a quem o interesse não negocia convide. Mas note-se: os «beneméritos» dizem que pelo seu «amor» ao povo desejaram dotar São Paulo com um teatro maior. Isto é um amor postumo, pois quando esta terra não tinha nenhum teatro, esqueciam-se do povo, só quando viram que os espetáculos viriam a dar lucro, é que viram que um teatro era pouco, eram pre cisos dois.

Construído que foi o novo teatro, que a par de uma lotação um pouco maior do que a sala do Ateneu, é um perfeito palheiro, de bancos rústicos e sem fôrno no telhado, a que as telhas dão a sua característica cônca encarnada, formou-se um novo grupo dramático composto de beatos, integralistas e dos celeberrimos democráticos partidários do «lanci». António Maria da Silva, elementos heterogêneos que se dispuham, em contrabalanço com o grupo do Ateneu, a levar o povo a amar a Deus e temer o diabo e com falsas teorias fazê-lo desviar a vista da Verdade.

Já se sabe que os lutadores da causa da liberdade, tinham dia em diaante de redobrar de esforços e por todos os meios abarbar com o manancial de mentira que nascia. Não o comprehende assim um membro da direcção do Ateneu, que agora foi expulso. Pelo seu gesto, deu-se o desmembramento do Grupo Dramático do A. E. P. e a fuga de quase todos os sócios. Mas agora que as coisas voltaram à primitiva forma com a entrada de nova direcção, vão emfim, os «Americanos» ver satisfeitos os seus desejos. Deve-se ainda observar a forma estúpida do autor da local de 4, ao referir-se num jornal operário a melhoramentos (como se os que trabalham a isso não tivessem direito e não fossem eles que tudo construiriam) destacando os beneméritos, que são destes jazet; o proprietário do novo teatro exigiu a um grupo de estudantes que promoviam uma récita a favor das vítimas do Faial, 300 escudos pelo aluguer da casa, em cada noite. E demais todos os operários conscientes sabem o que se esconde atrás da máscara da benemerência.

De resto, os meninos continuam a rir das mimosas dos macacos.—Artur Gaspar Cabral Júnior.

Construído que foi o novo teatro, que a par de uma lotação um pouco maior do que a sala do Ateneu, é um perfeito palheiro, de bancos rústicos e sem fôrno no telhado, a que as telhas dão a sua característica cônca encarnada, formou-se um novo grupo dramático composto de beatos, integralistas e dos celeberrimos democráticos partidários do «lanci». António Maria da Silva, elementos heterogêneos que se dispuham, em contrabalanço com o grupo do Ateneu, a levar o povo a amar a Deus e temer o diabo e com falsas teorias fazê-lo desviar a vista da Verdade.

Já se sabe que os lutadores da causa da liberdade, tinham dia em diaante de redobrar de esforços e por todos os meios abarbar com o manancial de mentira que nascia. Não o comprehende assim um membro da direcção do Ateneu, que agora foi expulso. Pelo seu gesto, deu-se o desmembramento do Grupo Dramático do A. E. P. e a fuga de quase todos os sócios. Mas agora que as coisas voltaram à primitiva forma com a entrada de nova direcção, vão emfim, os «Americanos» ver satisfeitos os seus desejos. Deve-se ainda observar a forma estúpida do autor da local de 4, ao referir-se num jornal operário a melhoramentos (como se os que trabalham a isso não tivessem direito e não fossem eles que tudo construiriam) destacando os beneméritos, que são destes jazet; o proprietário do novo teatro exigiu a um grupo de estudantes que promoviam uma récita a favor das vítimas do Faial, 300 escudos pelo aluguer da casa, em cada noite. E demais todos os operários conscientes sabem o que se esconde atrás da máscara da benemerência.

De resto, os meninos continuam a rir das mimosas dos macacos.—Artur Gaspar Cabral Júnior.

Lamentamos as desinteligências havidas e deploramos igualmente que haja quem se esqueça da nobre função que éste jornal tem a desempenhar, servindo-se dele para, ludibriando a nossa boa fé, fine deploráveis e ataques injuriosos. Oxalá que esta carta contenha a verdade sobre o assunto—verdade que não podemos averiguar directamente dada a distância a que estamos de Gouveia—e tudo fique arrumado de vez.

Ainda o desastre de Alhos Vedros

* * *

O julgamento da firma Pinto & Gameiro

No dia 23 do corrente realiza-se no Tribunal de Desastres no Trabalho o julgamento da firma Pinto & Gameiro, de Alhos Vedros, arrendatária daquela fábrica que há meses ruiu, soterrando mais de 50 operários.

Por esse motivo devem comparecer nesse dia às 14 horas, naquele tribunal, rua da Boa Vista, 9, Lisboa, os sinistrados Virginio Luisa Urbano, Odete dos Santos Estrela, Carlota Paula Melao, Maria Senhorinha, Horácio dos Anjos de Lima, Joaquim Alves Peixoto, Agostinho Pinto, José Joaquim.

MEDITAÇÕES HERÉTICAS

OS Sacerdotes da Religião

O que é a religião? É um conjunto de crenças e doutrinas ensinadas aos povos por sacerdotes. Pode ser que alguém diga

não seremos os sacerdotes os que ensinam

tais doutrinas e crenças, mas ter sido Deus

que as revelou. Responderemos, porém,

que, no entender dos padres, Deus as refeiou longos séculos e os sacerdotes no-

los transmitiram. O que se trata de saber,

portanto, é se os sacerdotes dizem ou não

que se arrependeram à hora da morte. Mas o

maior castigo que poderão apanhar é o en-

vio ao inferno, depois de mortos.

Não queremos, porém, que alguém vá

para o inferno. E para que os ricos não

nos esforcemos-nos por arrancá-los da tem-

tação que dá a riqueza que possuem e im-

pedi-los de roubar todos os dias. Quando a

sociedade esteja bem constituída, e nela

todos os homens possam trabalhar e viver

bem, não existindo patrões e millionários,

então, os homens serão bons e irão para o

paraiso, se houver, cousa de que muitissimo

duvidamos.

No fim de contas, a Igreja faz como os

governantes: muitas promessas para cum-

prir depois da nossa morte e nada de as

cumprirem no presente.

A Igreja finge deplorar as injustiças do

mundo e os abusos que os ricos praticam

em prejuízo dos pobres; mas inculta, ao

mesmo tempo, nos pobres, a resignação, a

submissão dos escravos.

A Igreja é rica. O pápa, os cardeais, os

cónegos e tantos sacerdotes são ricos, le-

vantando vida que não se pode colocar em pa-

ralelo à vida que o proletariado arrasta.

Numerosos Estados subsistem à Igreja.

Cardeais e outros prelados são eleitos

sob a aprovação do governo e o governo

exige os que mais lhe agradam.

Os padres podem ser, e muitos são, sãos,

proprietários e capitalistas. Alguns gozam

de rendimentos pingues, outros possuem

casa e uma boa parte têm ações de ban-

cos e companhias.

Para se ser padre necessita-se de uma

grande instrução e muito dinheiro. Os filhos

dos operários nunca podem ser padres por-

que lhes falta dinheiro; e quando, casual-

mente, chegam a ser padres, permanecem

toda a sua vida na mais infima escala sacer-

dotal.

Os irmãos e os pais dos padres estão no

seio da burguesia, têm empregos e mano-

velo e o governo.

Outros padres servem-se

do seu ministério para si mimicar nas famílias,

ganhar a confiança das mulheres e, quando calha, rapinar uma herança.

Nada pior do que confiar segredos dum

família, a casas mais íntimas, mais deli-

cadas, a um estranho, ainda que seja padre.

A confissão não é mais do que uma inven-

ção do inferno.

Para que serve ouvir um sermão, dito

sempre na mesma língua, que ninguém enten-

de, e sempre todos os domin

gos, todos os anos, toda a vida?

E um péssimo costume que embrutece, como em-

brutece o cantochão das rezas, sempre as

mesmas, aprendidas de cós que se apropriam

a todas as pessoas e a todos os casos. So-

breto, para os meninos, o costume é de ver-

mos novico, de pésimos efeitos sobre o

caráter e a inteligência.

Operários: libertai-vos de todas as su-

perstições. Pensai com vosso raciocínio.

Não reconheçais Deus nem amos. Então,

poderéis compreender tudo...

Na Academia de Amadores

de Música

O concerto inaugural do ano escolar

Nada mais grato ao cronista do que re-

gistar mais um ano de existência a uma co-

lectividade que, como a Academia de Amo-

dores de Música, vem exercendo a sua acção

educativa com uma firmeza e uma temis-

tas rara.

Um escoio de professores abalizados, um

núcleo de dirigentes dedicadíssimos engran-

cem-se à Academia com a circunspecto do seu

conselho, com a honradez ligão do seu

exemplo, com o que representa neste tempo

de desorientação instrutiva uma atitude,

uma prática que tem de ficar a atestar que

ainda há quem ame a arte pela arte e a a-

men que se não oferecem escolhos no cami-

nho que traçaram.

A veneranda figura do Marquês de Bor-

ba, único fundador vivo da Academia de

Música aparece a toda a hora, como

que espiritualmente a animar todas as

iniciativas, a insular todas as coragens,

ele que conta quase um século de vida de

beleza moral. Pois bem. Com uma assistê-

ncia, no meio dum entusiasmo festivo,

realizou-se a sessão artística inaugural do

ano académico. Tocou-se, cantou-se António

Fragoso, Pietra Torres, Ivo Cruz, Tomás de Lima e Luís de Freitas Br